

Ler&Contar

Acesso gratuito a contos inéditos de autores lusófonos, com ilustrações originais. O(a) jovem/professor(a)/pai/mãe/educador(a) vai ler o conto e, seguidamente, poderá contá-lo e oferecê-lo a uma criança que por sua vez o contará também, criando-o através da sua memória e da sua imaginação. Terá, ainda, em cada fascículo, um espaço reservado para fazer a sua própria ilustração.

Os autores dos contos que ofereceremos, à média de um por quinzena e com início a 10 de Maio, durante o ano 2020, são angolanos. De forma pro bono aderiram a este projecto que fará chegar a inúmeros leitores contos de escritores que são referência, a par dos de alguns valores emergentes no panorama da literatura lusófona.

Noitibó Confraria

Apostamos na criação de projectos de divulgação de autores.

Queremos fazê-lo de forma lúdica e imaginativa.

Autor

Fernando Kawendimba

Nasceu no Lobito, Angola, em 1988. Mestrando em Psicologia do Bem-Estar e Promoção da Saúde pela UCP, licenciado em Psicologia Clínica pela UCAN, bacharel em Filosofia e Ciências da Educação pelo antigo Centro Dom Bosco de Estudos Superiores. É membro da Ordem dos Psicólogos de Angola e autor do livro "Em minha casa, as psicologias têm outros nomes" (2019).

Ilustrador

Samuel Rego

Memórias de infância e adolescência: sempre de lápis na mão e cara salpicada de tinta. Seguiu o curso de Artes Visuais, pulando em seguida para a cidade de Caldas da Rainha; foi na ESAD.CR que aprendeu e desaprendeu o que é o design gráfico. Dai, rumou novamente a norte. Neste momento, está a concluir um mestrado em Design Gráfico e projectos editoriais na FBAUP (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto).

Na Web

Sítio: www.lerecontar.com

Instagram: [@ler_contar](https://www.instagram.com/ler_contar)

Facebook: www.facebook.com/Ler-Contar

Ficha Técnica

Projecto: Glória de Sousa, Samuel Rego, Tomás Lima Coelho

Coordenação: Glória de Sousa

Autor do Conto: Fernando Kawendimba

Concepção Gráfica: Samuel Rego

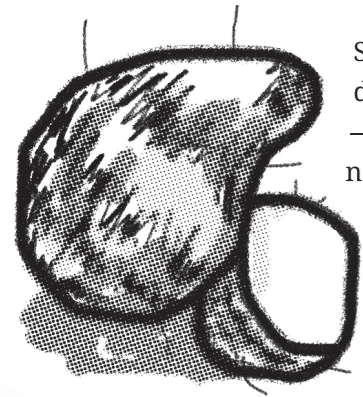
Produção: Noitibó Confraria

Caracteres: Noto Sans/Noto Serif

Contacto: lerecontar2020@gmail.com

Colaboração: Débora Oliveira, Maria José Moreira, Paula Cochat, Teresa Brarens, Maria João Teles Grito

Proibida a venda.



Sapalalo, do lado de fora da casa.
– Vocês estão perdidas no tempo. Nós, nem no tempo, nem no espaço. O menino e a cadelinha, acordados no horário

acordado, brincavam no quintal, enquanto esperavam. As manas

não compreendiam por que não os viam desde a alvorada.

O menino contou que havia encontrado a cadela balançando o rabo, o olhar feliz, curiosíssima

para contemplar borboletas de perto, pelo caminho. As manas, reticentes, questionaram: e tu ias para onde?

– Fui embora despedir um meu amigo-peixe, junto com família dele, cardume simpático – justificou-se o pequeno Sapalalo.

– Vou explicar já bem.

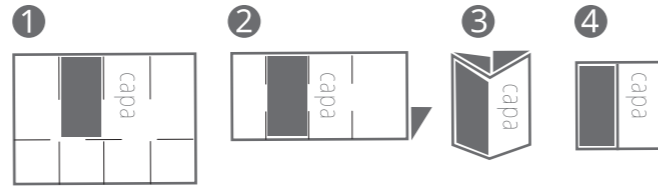
Iniciaram a marcha, ao conto da aventura fantástica que o menino se gabava de protagonizar:

2

Muitas coisas o pequeno Sapalalo não sabe, mas uma ele afirma com convicção: sabe nadar. Será mesmo verdade, ou estará ele a mentir às suas manas mais velhas?



Instruções de dobragem



LER & CONTAR

AS HISTÓRIAS DO AVÔ PANGUILA

FERNANDO KAWENDIMBA

SÓ SEI QUE NADAR SEI

Era quase meio-dia de sábado. Os irmãos Manu tinham um compromisso inadiável: ir ao encontro de uma pessoa muito especial para eles.

– Mesmo se nós pedirmos perdão ao tempo pelo nosso atraso, o dia não vai durar vinte e cinco horas. Não vai sentir pena de nós – apelou Elosa à irmã do meio.

– Se perdermos a hora, achas que ganhamos mais o amor da avó Oluina?

– Acho que não sei o que eu acho. Mas tenho certeza que podemos perder o inhame, a batata doce,

a mandioca e o milho assados à lenha. Achas que não? – Losa perguntou, sem esperar resposta.

– E a cana-de-açúcar então, mana Elosa!?

– Estás a ver já, né!? Por causa de atraso, não perco nem estórias da avó Oluina. Vamo-nos deixar já prontas!

As meninas Elosa e Losa foram lavar as mãos, os dentes, corpos inteiros. Isso teve a duração de uma só canção

na voz de Clélia Sambo, que no momento tocava no rádio e lhes tocava as almas. No exíguo período, seus cabelos crespos num só estilo penteados, patenteando auto-

estima em dose dupla. A cabaça de tchisangwa e os pastéis de peixe achavam-se no cestinho

para a jornada. Quando iam fechando as janelas, manifestaram espanto:

– Mana Elosa, a nossa cadelinha está onde? Isso não é nosso azar?

– Losa, e Sapalalo!? Agora que estamos fora de hora não sabemos onde aquele menino se meteu! Saiu com papá

e mamã? Outra maka mais!

Para que as irmãs evitassem uma missão comprida, combinaram um plano a ser cumprido: tu procuras

a nossa cadelinha, eu encontro o nosso caçulinha, orientou Elosa. O tempo passa, mas só passa bem

se for bem planeado.

– Manas, não adianta nos procurarem mais – berrou

1

– Todos os dias, manhã cedo, costumo ir cumprimentar meu amigo peixinho que me gosta bwé – e eu dele, também. Mora no rio, no fundo, mas não muito no fundo. A vossa sorte é que a cadela não sabe testemunhar na nossa língua.

Para as duas, a narrativa estava fantasiada demais para uma época fora de carnaval.

Olhares à cadela: na briga de irmãos, a cachorrinha não metia a colher, o focinho, não lhe apanhavam as patas.

Postura mesmo indiferente.

– Tens somente seis anos e aqui ninguém te ensinou nada de nadar. Não mente.

– Sim, sim, sim. Sei que não me ensinaram. Mas também vão me ensinar como, se em matéria

de nadar vocês

não sabem nada!?

Me dizem

só ainda,

por favor!

– Sapa, Losa

tem razão:

se nem sabes

andar bem,

aprendeste

a nadar quando?

As irmãs gargalharam até

espantar umas tantas borboletas que a cadelinha

encaçava. Desacreditaram no irmão: ficou desanimado

e optou pelo silêncio.

A ignorância é violenta, inflamável e arrogante: o sábio sabe disso, por isso ignora-a. Era avó Oluina quem falava isso que Sapolalo acabou de lembrar.

– Outra maka mais! – exclamou Elosa, de repente.

– Onde está a cadelinha?

Perderam-na de vista. Cada um foi em direcção diferente para a busca.

– Está aqui! – era a Losa.

– Acelerem. Ela está a correr atrás das borboletas.

Os manos Manu correram o máximo que puderam.

A cadela corria enérgica e divertida atrás de uma

nuvem de borboletas fascinantes. À partida, não

compreenderam o que viram por se recusarem

a acreditar: no afã de alcançar borboletas,

a cachorra, por excesso de distração ou diversão,

caíra no rio. Afogamento?

Não dizem que todos os cães sabem nadar?

Losa desatou a lacrimejar: isso está mesmo a acontecer?

– Sapa, irmãozinho do coração, salva a nossa cadela,

por favor – Elosa implorou de mãos e pés juntos.

– Entre nós, só tu sabes nadar.

– Eu mal sei andar, ainda agora

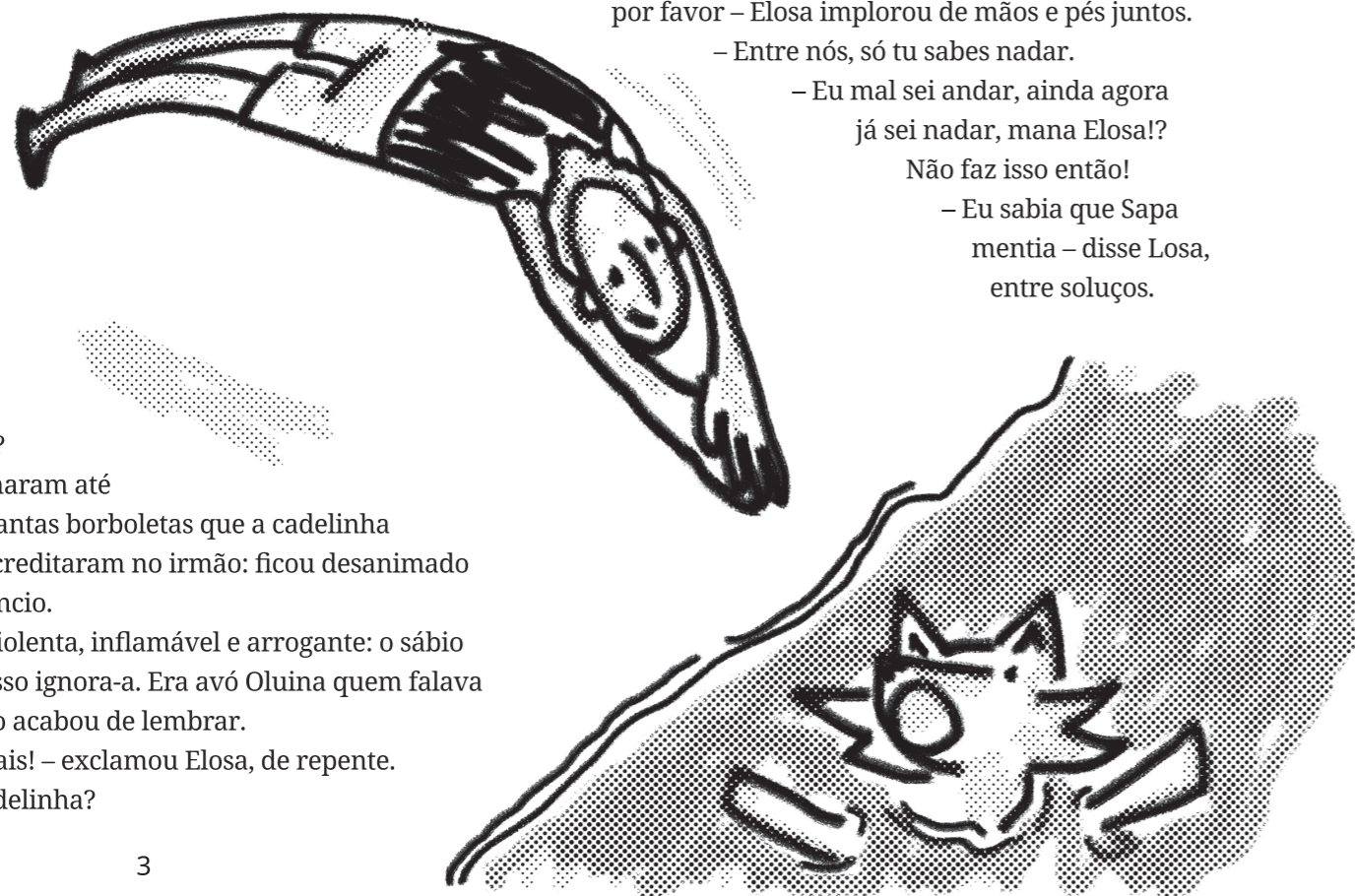
já sei nadar, mana Elosa!?

Não faz isso então!

– Eu sabia que Sapa

mentia – disse Losa,

entre soluços.



3

– Ele não sabe na...

A irmã do meio não terminou a frase. Sapolalo havia

mergulhado no rio, nadava de volta, com subtileza

e proficiência, trazendo-a mais salva, menos sã.

Pareceu ser isso, a princípio. Logo após segundos,

os primeiros socorros foram concedidos por Elosa.

Pouco depois, a cachorrinha mexia a língua expressando

ponto alto do apetite. A fome, contagiosa, assim como

a alegria que tomara conta dos quatro, fê-los tomar

e comer os pastéis de peixe, tomar e beber a tchisangwa,

tomar e apanhar sol, tomar e respirar ar puro.

– Cansámo-nos de esconder a verdade – foi Losa

quem tomou a palavra.

– Sabendo da tua amizade, mandámos pescar,

recheámos os pastéis com peixes da família

do teu amigo. Acabaste de comer o teu amigo-peixe

ou peixe-amigo, sei lá como dizes.

– Vocês não fizeram isso comigo, manas! – lágrimas

formaram-se nos olhos do menino e foram espreitando

o exterior, aguardando autorização para ser choro.

– Concentra-te, Losa. Brincadeira de sabor azedo

com o sentimento do menino, não admito. Não estás

a perceber que ela só está a brincar contigo, maninho

Sapa? Perdão por termos duvidado da tua cordialidade,

coragem, prudência e verdade. Somos mais velhas

que tu, mas sempre podemos aprender contigo coisas

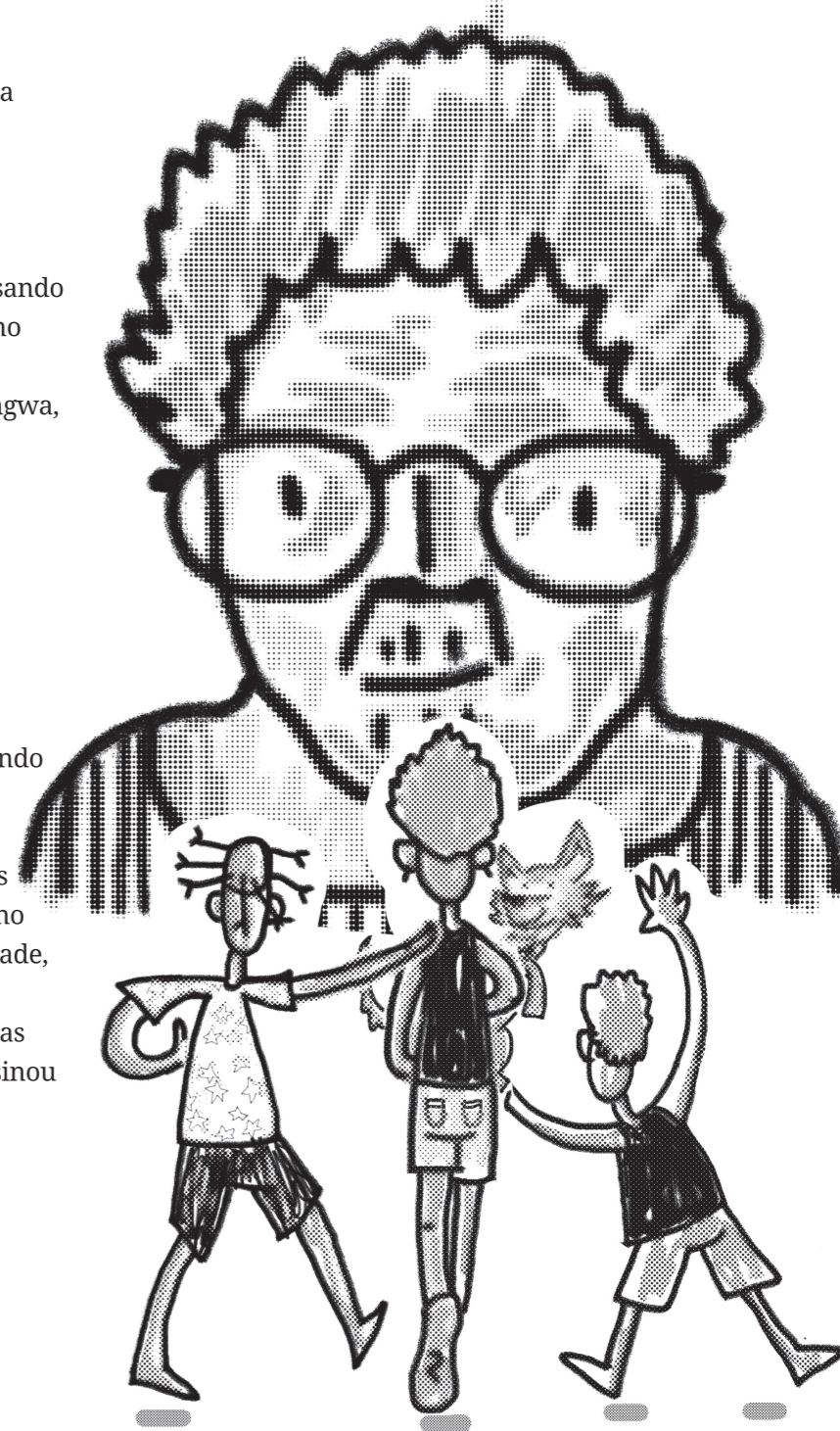
maiores que as nossas idades. Já agora, quem te ensinou

a nadar como um peixe?

– Ensinar a nadar? Não sei. Só sei que nadar sei.

Em paz, cadela ao colo, os manos Manu, abraçados,

foram visitar a avó Oluina.



5

6

**Cria aqui
a tua ilustração
do conto!
Digitaliza-a
e envia-a
para nós.**